

Desafios persistem

Em que pesem a escassez de investimentos e a consequente baixa demanda por obras novas, o grau de pessimismo em relação ao futuro desempenho das construtoras tem diminuído nos últimos meses. O fato foi atestado pelas últimas sondagens da **FGV** e do **SindusConSP**, feitas com empresários e executivos do setor.

No entanto, ainda precisam ser criadas condições objetivas para um crescimento sustentado da construção. Entre elas, atrair capitais estrangeiros em grande escala, com mais atrativos, como proteção cambial.

Esta edição traz diversas contribuições para a compreensão do que nos espera. Em reportagem de capa, as economistas Ana Maria Castelo e Cláudia Magalhães Eloy mapeiam os desafios enfrentados pelo sistema de financiamento habitacional norte-americano após a crise de 2008 e as alternativas propostas por lá, que podem nos trazer novas ideias para a ampliação do crédito imobiliário no Brasil.

Traçando um panorama do mercado imobiliário, Luiz França, presidente da Abrainc, aposta em recuperação de vendas e lançamentos em 2018. Já o professor Robson Gonçalves mostra como o cipoal burocrático e sua irmã gêmea, a burocracia, travam o avanço da competitividade no país.

Uma análise da Paic de 2015, feita por Ana Maria Castelo e a economista Ieda Vasconcelos, demonstra como a queda dos investimentos reduziu o emprego e elevou a informalidade na construção. Completando, Robson Gonçalves analisa a conjuntura presente do setor e as perspectivas para os próximos meses.

Boa leitura!

Frase



Foto: Agência Brasil - Últimas notícias do Brasil e do mundo

“Para trazer investimentos, a confiança tem que passar o obstáculo da capacidade ociosa, que ainda é muito grande. O investimento, em geral, é para aumentar a capacidade. Existem alguns setores, infraestrutura, que poderiam ter aumento de investimento. A confiança não gerou esse aumento de atividade no ano passado. Mas também não reduziu a atividade, mesmo com a incerteza recente [após a delação dos donos da JBS]. Outras forças continuaram puxando a atividade, a inflação em queda e talvez o FGTS.”

Ilan Goldfajn, presidente do Banco Central, na Folha de S. Paulo, em 26/8/2017